

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA POLIFÔNICA E O FENÔMENO DA TRADUÇÃO\*

PAULO ROBERTO OTTONI  
UNICAMP

Este trabalho tem como principal objetivo discutir e confrontar o fenômeno da tradução, como concebe Rosemary Arrojo, e a teoria polifônica da enunciação a partir das propostas de Oswald Ducrot. Na primeira parte, abordo resumidamente algumas idéias básicas de polifonia e em seguida analiso cinco enunciados extraídos da peça *Édipo Rei* de Sófocles. Na segunda parte, discuto a teoria polifônica procurando mostrar através destes enunciados como esta teoria lingüística pode ser questionada a partir de uma visão pós-estruturalista da tradução.

### I

É possível utilizar uma análise polifônica a partir da teoria de Ducrot para discutir o fenômeno da tradução? Esta pergunta está subjacente a todo o desenvolvimento deste trabalho e tentarei respondê-la na segunda parte. Farei em seguida algumas considerações sobre a proposta teórica de Ducrot.

Para Ducrot (1984), a **enunciação** é um acontecimento constituído pelo aparecimento de um **enunciado**; a enunciação não é um ato, não introduz assim a noção de um **sujeito autor da fala**. A enunciação é o "fato de que um enunciado aparece" (cf. pp. 168-9). Deste modo, a enunciação constitui-se de elementos distintos: um **sujeito falante**, que é um ser empírico; um (L) **locutor**, o ser no discurso; um (  $\lambda$  ), o locutor enquanto ser no mundo; este último difere, segundo Ducrot, do locutor. Assim,

---

\* Este trabalho se baseia numa comunicação apresentada no 2º Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, UNICAMP, 04/09/89.

*L (locutor) é o responsável pela enunciação considerada unicamente enquanto tendo esta propriedade. λ é uma pessoa 'completa' que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado (P. 188).*

Ducrot faz também uma diferenciação entre o locutor e o enunciador (cf. p. 192), na qual o E (enunciador) está para o locutor assim como a personagem está para o autor.

Os enunciados que analisarei são ao mesmo tempo interrogativos e negativos. Vejamos como Ducrot classifica estas duas "formas" enunciativas na sua teoria polifônica. Na **negação** é possível fazer uma distinção entre L e E; neste tipo de negação "polêmica", o  $E_1 \neq E_2$ ; ou seja, os enunciados negativos fazem aparecer no enunciado o choque de duas atitudes antagônicas: uma **positiva**, atribuída a um enunciado  $E_1$ , e a outra, que é uma recusa da primeira, atribuída a  $E_2$  (cf. p. 204). Com relação à **interrogação**, que Ducrot nestes casos (1983) chama de "retórica polifônica", o locutor do enunciado interrogativo age como se a resposta à questão já estivesse em si, tanto para L como para o alocutário (Al.). Daí  $E_1 = E_2$ , o alocutário é enunciador e também destinatário.

Após este breve apanhado das idéias principais da teoria polifônica, analisarei em seguida cinco enunciados da *pela Édipo Rei* de Sófocles no interior desta teoria.

Os enunciados foram escolhidos após um levantamento das 193 "falas" de Édipo na peça, constatei que 94 são ao mesmo tempo negativas e interrogativas, e todas iniciadas pelo **não**. Dei a seguinte fórmula para estas "falas" de Édipo: [Não (p)?]. Privilegiei esta fórmula como sendo indicativa da natureza enigmática de Édipo enquanto uma personagem dupla, uma personagem em busca de si mesma; esta fórmula representa a dúvida, a ambigüidade, o enigma de Édipo. Escolhi para analisar cinco enunciados através dos quais Édipo se dirige a cinco diferentes personagens:

(1) Édipo [para Tirésias]:

Não há argumento que te dissuada? (p.24).

(2) Édipo [para Creonte]:

Mandar chamar este adivinho, [Tirésias]  
não foi idéia tua? (p. 36).

(3) Édipo [para Jocasta]:

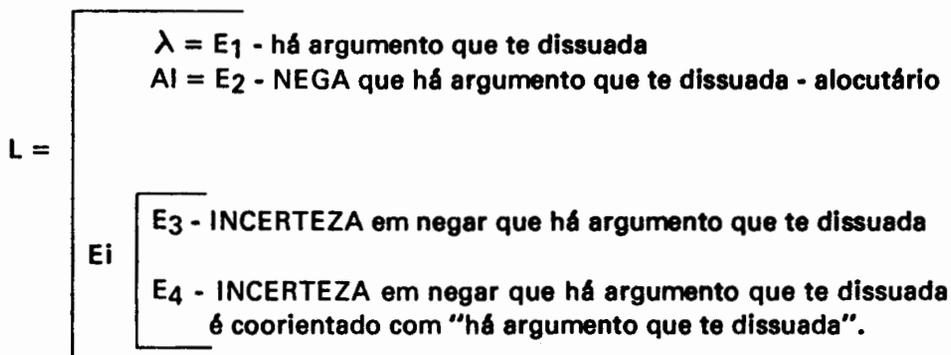
Não deveria eu temer ainda  
dormir com minha mãe? (p. 59).

(4) Édipo [para o Emissário]:  
Não me achaste sozinho? (p. 56).

(5) Édipo [para o Pastor]:  
Este [O Emissário]! Tu já não o encontraste antes?  
(p. 71).

É bom lembrar que neste trabalho discuto as implicações entre uma teoria lingüística, neste caso a teoria polifônica da enunciação, e o fenômeno da tradução e não as implicações desta teoria polifônica no interior dos estudos lingüísticos. Tanto a análise polifônica quanto as conclusões a que cheguei têm implicações para a discussão da teoria em si. Mas, meu objetivo é discutir estas conclusões analisando alguns dados relacionados ao fenômeno da tradução.

Vejamos a seguir como estes enunciados se desdobram no interior da análise polifônica proposta por Ducrot. Os enunciados (1), (2) e (3) têm um funcionamento idêntico; vejamos:



O Enunciador (E) argumenta na mesma direção de E<sub>1</sub> que é igual ao ( $\lambda$ ); deste modo, temos a negação polêmica, uma vez que E<sub>1</sub> = E<sub>2</sub>; ou seja, o enunciador (E), que é ( $\lambda$ ), se diferencia do enunciador E<sub>2</sub>. E<sub>1</sub> está afirmado enquanto que E<sub>2</sub> nega e se identifica com a negação do alocutário. Em seguida, temos um enunciador (Ei) que produz uma interrogação retórica onde E<sub>3</sub> = E<sub>4</sub>; como vimos acima, o enunciador da interrogação age como se a resposta (positiva) já estivesse contida no enunciado; daí o alocutário ser o enunciador e o destinatário.

Nos enunciados (4) e (5), a fórmula [não (p)?] terá dois outros funcionamentos que se diferenciam dos três anteriores.

Em (4) temos:

$$\lambda \left\{ \begin{array}{l} E_1 - \text{Me achaste sozinho} \\ E_2 - \text{NEGA que me achaste sozinho} \end{array} \right.$$
$$L = \left\{ \begin{array}{l} E_3 - \text{INCERTEZA em negar que achou sozinho} \\ E_4 - \text{INCERTEZA em negar que achou sozinho é coorientado} \\ \quad \text{com NEGAR que "achaste sozinho"}. \end{array} \right.$$

Daf:  $E_1 = E_2$  e  $E_3 = E_4$ ; ou seja, temos uma negação "descritiva" já que  $E_1$  é idêntico ao  $E_2$ , uma vez que a resposta, neste caso, é afirmativa; a interrogação continua retórica, idêntica à dos enunciados anteriores.

Em (5) temos:

$$\lambda = E_1 - \text{já o encontre antes}$$
$$AL = E_2 - \text{NEGA que o encontre antes}$$
$$L = E_3 - \text{INCERTEZA em negar que já o encontre antes}$$
$$\lambda = E_4 - \text{INCERTEZA em negar que já o encontre antes é} \\ \text{coorientado com "já o encontre antes"}.$$

Daf:  $E_1 \neq E_2$  e  $E_3 \neq E_4$ ; neste caso o que vai diferenciar este enunciado dos quatro anteriores é a interrogação; ela vai ser de um outro tipo qualquer, menos retórico, uma vez que a resposta do pastor é **Sim** para a incerteza de Édipo. A negação aqui permanece polêmica.

Resumindo, podemos dizer que nos enunciados (1), (2) e (3) a descrição é idêntica; entretanto, nos enunciados (4) e (5), não pode ser aplicada a mesma análise apesar de terem a mesma "fórmula": [Não (p)?]. Em (4) sabemos que a resposta do Emissário é **Não** o que descarta a possibilidade de uma "negação polêmica", como ocorre nos três exemplos anteriores: em (4) temos uma negação **descritiva**. Dizer: "não me achaste sozinho" opõe-se a um enunciado que afirma: "me achaste sozinho"; neste caso, esta negação é um derivado delocutivo da negação polêmica (cf. Ducrot, 1984 p. 204). A interrogação em (4) permanece retórica. Já em (5) a diferença está na interrogação, que não é "retórica polifônica", mas de um outro tipo qualquer. Édipo pede uma informação, ele está incerto e a resposta do Pastor é **Sim**. A negação em (5) permanece polêmica.

A partir das diferenças evidenciadas em (4) e (5), esta análise polifônica coloca um impasse, uma vez que em (1), (2) e (3) temos

$E_1 \neq E_2$  e  $E_3 = E_4$ , que são configurações que não constituem uma contradição, mas comportam o caráter enigmático de Édipo. Entretanto, quando há uma modificação nesta configuração, nestas equivalências -- ou seja, em (4)  $E_1 = E_2$  e  $E_3 = E_4$ ; em (5)  $E_1 \neq E_2$  e  $E_3 \neq E_4$  -- o "contexto" extra-lingüístico passa a ter um papel fundamental para a "resolução deste impasse lingüístico" e para justificar as diferentes conclusões da análise. A análise da "fórmula" lingüística em si, como ocorre nos três primeiros enunciados, não pode ser aplicada nos dois outros e nem o contrário será possível. A partir desse impasse surgiu meu interesse em procurar a versão inglesa e francesa da peça para poder discutir e comparar os resultados a que cheguei com a análise dos enunciados do tipo: [ Não (p)? ] na versão da peça em português.

## II

A versão inglesa de Sir Richard Jebb é o "texto original" sobre o qual Geir Campos baseou-se para fazer sua tradução. Utilizo também a tradução francesa de Paul Mazon. Lembro que não há um texto escrito por Sófocles que se poderia chamar de "original"; o que temos como "original" é a versão, em grego moderno, escrita a partir da tradição oral, por volta do século X, pelos bizantinos.

Comparando os enunciados em inglês e francês, verificamos que não há uma fórmula única como ocorre nos enunciados em português. Vejamos, a seguir, as diferentes versões:

(1) Édipo [para Tirésias]

- Vileza das vilezas!

És capaz de enraivecer uma pedra!

Não há argumento que te dissuada?

Não falas? Continuas calado até o fim? (p. 24).

- What, basest of the base - for thou wouldst

anger a very stone - wilt thou never speak out?

Can nothing touch thee? Wilt thou never make an end? (p. 102).

- Ainsi, ô le plus méchant des méchants - car vraiment

tu indignerais un roc - ainsi, tu ne veux rien dire, tu

prétends te montrer insensible, inflexible à ce point? (p. 217).

(2) Édipo [para Creonte]

- Mandar chamar aqui esse adivinho [Tirésias]  
não foi idéia tua? (p. 36).
- Didst thou advise, or didst thou not, that I should send  
for that reverend seer? (p. 104).
- Oui ou non, soutenais-tu que je devais envoyer quérir  
l'auguste devin? (p. 227).

(3) Édipo [para Jocasta]

- Não deveria eu temer ainda dormir com minha mãe? (p. 59).
- But surely I must needs fear my mother's bed? (p. 108).
- Et comment ne pas crainde la couche de ma mère? (p. 247).

(4) Édipo [para o Emissário]

- Então me recebeste de um terceiro?  
Não me achaste sozinho? (p. 56).
- What, thou hadst me from another?  
Thou didst not light on me thyself? (p. 108).
- Ce n'est donc pas toi qui m'avais trouvé?  
Tu me tenais d'un autre? (p. 251).

(5) Édipo [para o Pastor].

- Este [o Emissário]! Tu já não o encontraste antes? (p. 71).
- This man here - or of having ever met him before? (p. 109).
- De celui qui est là. L'as-tu pas vu déjà? (p. 256).

De que maneira uma análise comparativa deste tipo poderia contribuir para se pensar no fenômeno da tradução e questionar uma teoria polifônica? Num primeiro momento, respondendo de maneira logocêntrica, poder-se-ia pensar na possibilidade de se fazer a priori uma análise polifônica sistemática do texto original a ser traduzido e, em seguida, "adaptá-la" para a língua para a qual se está traduzindo; ou seja, detectar certos elementos formais e certas configurações polifônicas recorrentes no original e traduzir a partir desta análise. Este procedimento é impossível já que, como vimos, não há uma correspondência entre o desdobramento polifônico proposto por Ducrot e uma "fórmula", como vimos na análise acima; isto é, em português, a "fórmula lingüística" [Não (p)?] põe em discussão a própria teoria polifônica numa mesma língua.

Num segundo momento este fenômeno pode ser visto a partir das discussões sobre tradução levantadas por Arrojo, que diz:

*ainda que o tradutor conseguisse chegar a uma repetição total de um determinado texto, sua tradução não recuperaria nunca a totalidade do "original", revelaria, inevitavelmente, uma leitura, uma interpretação desse texto que, por sua vez, será, sempre lido e interpretado, e nunca totalmente decifrado ou controlado. (p. 22).*

Uma descrição polifônica neste caso, comparando as três versões, garante que uma tradução "não recuperaria nunca a totalidade do original", ou melhor, mesmo utilizando uma teoria lingüística que está propondo internamente mais de uma voz no interior do enunciado, esta teoria, mesmo assim, não dá conta da tradução. Ou seja, a polifonia enquanto uma descrição logocêntrica da linguagem esbarra na questão da estabilidade do significado já que pressupõe que este significado seja estável, imanente ao texto. Neste caso a estabilidade não estaria nas palavras, mas estaria pressupondo um funcionamento estável e homogêneo da polifonia através do desdobramento das várias vozes, que teriam um significado idêntico, a partir dos enunciados com o mesmo funcionamento lingüístico.

Mesmo analisando a fórmula única, que representa Édipo, o texto traduzido para o português

*deixa de ser representação "fiel" de um objeto estável que possa existir fora do labirinto da linguagem, e passa a ser uma máquina de significados em potencial. (cf. Arrojo p. 23).*

Assim, o caráter logocêntrico da teoria polifônica evidencia que não é possível pensar na estabilidade e na permanência do significado estruturado mesmo através de um jogo polifônico de vozes.

Comparando as "leituras" nas três línguas, percebemos diferenças estruturais inerentes a cada uma delas, por exemplo: nem todos os enunciados são negativos e interrogativos ao mesmo tempo, há diferenças quanto ao tipo de interrogação, algumas parciais outras totais. Por isso as diferenciações polifônicas estruturais neste caso são claras. Quando comparei as três versões diferentes, estava preocupado em ver uma possível adequação desta teoria com o fenômeno da tradução. Os resultados a que cheguei confirmam que uma teoria polifônica da enunciação é mais uma das "teorias lingüísticas" que não pode ser aplicada para explicar o fenômeno da tradução; uma vez que, pela análise polifônica, podemos constatar mais uma vez que a tradução é "inevitavelmente uma leitura" e, por isso, nunca totalmente decifrada ou controlada.

Imaginando que um dia o texto em português possa servir como original para outra tradução, esta análise a priori mostrará que atrás da fórmula [não (p)?] não há uma polifonia estável e controlada como desejaria Ducrot. Assim, se a teoria polifônica, como qualquer outra teoria lingüística, funcionasse de maneira idêntica em pelo menos duas línguas, poderíamos imaginar que um dia as tão desejadas máquinas de traduzir substituiriam o homem, controlando e traduzindo significados estáveis de uma língua para outra.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ARROJO, R. (1986) *Oficina da Tradução - A teoria na prática*. São Paulo, Editora Ática.

DUCROT, O. (1983) "Interrogation et Argumentation". In *L'Argumentation dans la langue*. Anscombe, J.L. e Ducrot, O. Bruxelas, Pierre Mardaga, Éditeur.

———. (1984) "Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação". In *O Dizer e o Dito*. Tradução brasileira, Campinas, SP, Pontes, 1987.

SÓFOCLES. (1976) *Édipo Rei*. Tradução de Geir Campos editada pela Abril Cultural, São Paulo.

———. (1952) *Oedipus The King*. Tradução de Sir Richard C. Jebb. Encyclopaedia Britannica, INC.

———. (1950). *Oedipe Roi*. Tradução de Paul Mazon. Paris, Société D'Éditions "Les Belles Lettres".